

Sessão acaba em sonoterapia

Integrantes da CPI do Orçamento assistiram ontem, durante duas horas e meia, ao vídeo do depoimento do empresário Paulo César Farias, produzido pelo Serviço de Relações Públicas do Senado. Monótona, a sessão começou com 23 parlamentares e terminou com quatro. O presidente da CPI, senador Jarbas Passarinho (PPR-PA), e o relator, deputado Roberto Magalhães (PFL-PE), não resistiram por dez minutos. Foram os primeiros a sair. Os deputados Lázaro Barbosa (PMDB-GO) e Leomar Quintanilha (PPR-TO) dormiram.

A CPI deveria tomar o depoimento do deputado João de Deus Antunes (PPR-RS) logo de manhã. Mas, como vem acontecendo com a maioria dos parlamentares, que gozam de prerrogativas que lhes permitem não comparecer às sessões para as quais são convocados, João de Deus pediu adiamento. Passarinho, irritado, afirmou que ele não precisará mais depor, pois já foi ouvido pela subcomissão de subvenções. No depoimento à subcomissão, João de Deus admitiu que ficou com 70 mil dólares de verbas de subvenções so-

ciais destinadas a uma entidade evangélica gaúcha.

O teipe resultou do depoimento do empresário a cinco integrantes da CPI, tomado segunda-feira à tarde, no Quartel-General da Polícia Militar de Brasília, onde ele está preso. Neste contato com a CPI, PC disse que não entende nada de Orçamento, mas revelou ter arrecadado 170 milhões de dólares para as campanhas de 1989 e 1990, com o conhecimento do ex-presidente Fernando Collor. Segundo PC, foi Collor quem apontou os empresários que deveriam ser contactados para as doações de campanha.

O deputado Sérgio Miranda (PC do B-MG) perguntou: "O então presidente Collor sabia quem dava dinheiro para a campanha?"

— O presidente da República sabia. Mas claro que sabia. Eu não tinha poder para arrecadar 170 milhões de dólares se não informasse o candidato ou o presidente da República — respondeu.

Durante seu depoimento, PC adiantou algumas das empreiteiras que serão citadas na relação dos colaboradores: Norberto Odebrecht, Andrade Gutierrez, OAS, Queiroz Galvão, e CR Almeida. Em seguida, PC transmitiu mais esclarecimentos sobre o financiamento das campanhas: "o esquema só dava dinheiro para candidatos conservadores".

Descontração — Apesar de cansativa, a sessão teve momentos de descontração. O teipe mostrou que, ao ser interrogado pelo deputado Sérgio Miranda (PC do B-MG), PC Farias disse, para desespero do parlamentar, que havia financiado a campanha de seu partido, em 1978. E que as reuniões políticas do PC do B ocorriam em sua própria casa, em Maceió. Todos os que viam o filme riram.

Outro momento engraçado ocorreu quando Sérgio Miranda referiu-se ao deputado Augusto Farias (PSC-AL), irmão de PC. Primeiro, ele chamou Augusto Farias de Augusto Carvalho, deputado do PPS (antigo PCB), de Brasília, e foi corrigido por PC. Depois, quando perguntou o que havia de verdade quando o irmão-deputado disse que, no momento em que abrisse a boca, PC Farias poderia provocar o estremecimento da República.

O deputado Luiz Salomão (PDT-RJ), que também inquiriu PC na prisão, foi responsável por um dos momentos de maior descontração do depoimento. Ele perguntou se PC entendia de astronomia. É que em um dos disquetes apreendidos pela Polícia Federal na empresa do ex-tesoureiro de Collor havia várias referências a constelações do zodíaco, todas em código. PC achou graça e informou aos parlamentares que nada entende do assunto.